



**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL  
DA LUSOFONIA AFRO-BRASILEIRA  
INSTITUTO DE HUMANIDADES E LETRAS  
LICENCIATURA EM LETRAS – LÍNGUA PORTUGUESA**

**ELIANA DOS SANTOS MUNIZ**

**O ROTACISMO NA FALA DE CRIANÇAS DE SANTO AMARO – BAHIA**

**SÃO FRANCISCO DO CONDE**

**2019**

**ELIANA DOS SANTOS MUNIZ**

**O ROTACISMO NA FALA DE CRIANÇAS DE SANTO AMARO – BAHIA**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Curso de Graduação em Letras – Língua Portuguesa do Instituto de Humanidades e Letras, campus dos Malês, da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Licenciado em Letras.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Shirley Freitas.

**SÃO FRANCISCO DO CONDE**

**2019**

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira  
Sistema de Bibliotecas da Unilab  
Catalogação de Publicação na Fonte

M935r

Muniz, Eliana dos Santos.

O rotacismo na fala de crianças de Santo Amaro - Bahia / Eliana dos Santos

Muniz. - 2019.

53 f. : il., mapas, color.

Monografia (graduação) - Instituto de Humanidades e Letras, Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, 2019.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Shirley Freitas.

1. Coda e Onset complexo. 2. Fonologia. 3. Rotacismo em crianças. I. Título.

BA/UF/BSCM

CDD 414

**ELIANA DOS SANTOS MUNIZ**

**O ROTACISMO NA FALA DE CRIANÇAS DE SANTO AMARO – BAHIA**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Curso de Graduação em Letras – Língua Portuguesa do Instituto de Humanidades e Letras, campus dos Malês, da Universidade Federal da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Licenciado em Letras.

Aprovado em 28 de março de 2019.

**BANCA EXAMINADORA**

**Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Shirley Freitas (Orientadora)**

Doutora em Letras – Universidade de São Paulo (USP)

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB)

**Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Manuele Bandeira**

Doutora em Letras – Universidade de São Paulo (USP)

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB)

**Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Cristiane Conceição Silva**

Doutora em Linguística – Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP)

Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)

Dedico este trabalho primeiramente a Deus, pois em sua infinita bondade me conduziu até aqui.

Dedico esta, bem como todas as minhas demais conquistas, ao meu tão amado filho João Rafael, a meu amado marido Rafael e a minha amada mãe Ednalva que me apoiaram em todos os momentos.

## **AGRADECIMENTOS**

Primeiramente, agradeço a Deus por ter me dado força e iluminado toda minha caminhada.

Agradeço a minha família por sempre ter incentivado os meus estudos. Obrigada meu filho João Rafael, meu esposo Rafael, minha mãe Ednalva, meu pai Antônio Carlos e meu irmão Alexandre por estarem presentes em minha vida, ajudando a vencer cada dificuldade e me dando força para continuar.

Agradeço a minha orientadora Shirley pela paciência e carinho em todos os momentos do trabalho, que com sua experiência tanto me ajudou com os erros e equívocos.

Aos meus professores de Letras que me ajudaram direta ou indiretamente na construção de meu trabalho.

À escola Municipal Coronel Francisco Pinto e aos alunos que tão bem me receberam e me acolheram.

Agradeço previamente às professoras da banca Manuele e Cristiane pelos comentários e sugestões.

## RESUMO

Neste trabalho, analisamos o processo fonológico de rotacismo, que consiste na troca de /l/ por /r/ ou /ʀ/ nas posições silábicas de onset complexo ([l̥~l̥] por [r̥~ʀ̥]) e coda ([l̥E] por [r̥E]). A pesquisa tem como objetivo analisar as ocorrências do rotacismo na fala de crianças em processo de alfabetização de Santo Amaro – BA, verificando se as ocorrências possuem uma regularidade quanto a aspectos linguísticos (como a tonicidade da sílaba e o número de sílabas na palavra) e sociais (como sexo, idade e grau de alfabetização). As consoantes líquidas compartilham traços em comum e o rotacismo configura-se como uma variação natural da língua portuguesa e desta forma está presente na fala da população brasileira. Presente desde a formação da língua portuguesa, o rotacismo é considerado um fenômeno estigmatizado e seus falantes sofrem com o preconceito linguístico, mas, nesta pesquisa, buscamos mostrar como o rotacismo é de fato um fenômeno legítimo na língua, constituindo uma variação estável. Para realização dessa pesquisa, foram realizadas gravações com 06 crianças (03 meninas e 03 meninos) cursando o 2º ano do ensino fundamental com idades entre 7 e 8 anos. Os testes foram divididos em quatro contextos: o primeiro, onset complexo com /l/ (com 11 palavras), o segundo, onset complexo com /l̥/ - tepe/vibrante simples (com 7 palavras), o terceiro, coda silábica com /l/ (com 9 palavras) e o quarto, coda silábica com /R/ - tepe/vibrante simples e vibrante múltipla (com 9 palavras). As gravações ocorreram em dois momentos: duas gravações com testes de nomeação de imagens e duas gravações com testes de leitura de palavras. Após os testes, foi feita a transcrição dos vocábulos. Os testes mostraram resultados nas ocorrências do fenômeno, principalmente, em contexto de onset complexo em palavras como *plástico* [pl̥st̥k̥], *teclado* [t̥kl̥d̥] e *bicicleta* [b̥k̥k̥l̥t̥], essas realizações apareceram na pronúncia de 5 dos 6 informantes, estando presentes na maioria dos casos nos testes de nomeação, o que indicou a influência da grafia na realização do rotacismo (ver a palavra escrita com <l> inibiu a ocorrência do processo). Ressaltamos também um padrão nas ocorrências, os itens lexicais em que foi realizado o processo estavam em sílaba tônica e no contexto de coda não houve ocorrências de rotacismo. Assim sendo, os resultados da pesquisa demonstram a permanência do rotacismo na língua portuguesa, através da fala das crianças santamarenses.

**Palavras-chave:** Coda e Onset complexo. Fonologia. Rotacismo em crianças.

## ABSTRACT

In this work, we analyze the phonological process of rotacism, which consists in the exchange of /l/ by /r/ or /ʀ/ in the syllabic positions of complex onset ([l̥l̥l̥l̥~l̥l̥l̥l̥] by [l̥l̥l̥l̥~l̥l̥]) and coda ([l̥l̥l̥l̥] by [l̥l̥l̥l̥]). The aim of this research is to analyze the occurrences of the rotacism in the articulation of children in the literacy process of Santo Amaro - BA, verifying if the occurrences have a regularity regarding linguistic aspects (such as the syllable tonicity and the number of syllables in the word) and (such as sex, age and literacy). The liquid consonants share traits in common and the rotacism is configured as a natural variation of the Portuguese and in this way is present in the speech of the Brazilian population. Present since the formation of the Portuguese language, the rotacism is considered a stigmatized phenomenon and its speakers suffer with the linguistic prejudice, but, in this research, we seek to show how the rotacism is in fact a legitimate phenomenon in the language, constituting a stable variation. To perform this research, recordings were performed with 06 children (03 girls and 03 boys) attending the 1st and 2nd year of elementary school, aged 7 to 8 years. The tests were divided into four contexts: the first, complex onset with /l/ (with 11 words), the second, complex onset with /ʀ/ - tap/simple vibrant (with 7 words), the third, coda with /l/ (with 9 words) and the fourth, coda with /R/ tap/simple vibrant and multiple vibrant (with 9 words). The recordings took place in two moments: two recordings with tests of naming of images and two recordings with tests of reading of words. After the tests, the words were transcribed. The tests showed results in the occurrences of the phenomenon, mainly in context of complex onset in words like *plastic* [pl̥st̥ik̥], *keyboard* [k̥i̥b̥o̥d̥] and *bicycle* [b̥is̥ik̥l̥], these achievements appeared in the pronunciation of 5 of the 6 informants, being present in the majority of cases in the naming tests, which indicated the influence of the spelling in the realization of the rotation (see the written word with <l> inhibited the occurrence of the process). We also emphasize a pattern in the occurrences, the lexical items in which the process was carried out were in tonic syllable and in the context of coda there were no occurrences of rotacism. Thus, the results of the research demonstrate the permanence of the Portuguese language in the speech of the children of Santo Amaro.

**Keywords:** Coda and Onset complex. Phonology. Rotacism in children.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

<b>Figura 1</b>	Mapa de Santo Amaro.....	30
<b>Quadro 1</b>	Perfil dos informantes .....	31
<b>Quadro 2</b>	Palavras com /l/ e /R/ em Coda .....	33
<b>Quadro 3</b>	Palavras com /l/ e /R/ em Onset complexo .....	34
<b>Tabela 1</b>	Realização do rotacismo do /l/ em Onset complexo .....	43
<b>Tabela 2</b>	Realização de apagamento e duplicação com /l/ em Onset complexo.....	44
<b>Tabela 3</b>	Realização de apagamento do /4/ em Onset complexo .....	46
<b>Tabela 4</b>	Realização do apagamento do /R/ em Coda .....	48

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	11
<b>2</b>	<b>REVISÃO BIBLIOGRÁFICA</b> .....	14
2.1	O ROTACISMO .....	14
2.2	O ROTACISMO: DO LATIM ATÉ O PORTUGUÊS BRASILEIRO .....	17
2.3	SÍNTESE .....	24
<b>3</b>	<b>TEORIA E MÉTODO</b> .....	26
3.1	TEORIA .....	26
3.2	METODOLOGIA .....	29
3.3	SÍNTESE .....	36
<b>4</b>	<b>ANÁLISE DE DADOS</b> .....	38
4.1	ANÁLISE GERAL .....	38
4.2	ANÁLISE DAS PALAVRAS EM CADA CONTEXTO SILÁBICO .....	42
4.2.1	<b>Onset complexo com //</b> .....	42
4.2.2	<b>Onset complexo com /4/ - tepe/vibrante simples</b> .....	44
4.2.3	<b>Coda silábica com //</b> .....	46
4.2.4	<b>Coda silábica com /R/ - tepe/vibrante simples e vibrante múltipla ..</b>	47
4.3	SÍNTESE .....	48
<b>5</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	50
	<b>REFERÊNCIAS</b> .....	52

## 1 INTRODUÇÃO

Analizamos neste trabalho o processo fonológico de rotacismo que consiste na alternância entre as consoantes líquidas: a lateral alveolar /l/ passa à vibrante múltipla /r/ ou vibrante simples/tepe /4/, na posição silábica de onset complexo, por exemplo, *bicicleta* pode variar como [βισι∇κ4ετ6] ou [βισι∇κλετ6], *planta* como [∇π43~τ6] ou [∇πλ3~τ6] e na posição silábica de coda, temos em *mel* que se realiza como [∇μεη] ou [∇μεω], *sal* como [∇σαρ] ou [∇σαω]. O tema do rotacismo foi escolhido por causa das frequentes ocorrências, presentes na história da língua portuguesa desde a sua formação, caracterizando, assim, uma variação estável.

Pereira e Albuquerque (2015, p. 37) ressaltam como o processo do rotacismo está intrinsicamente ligado aos fatores sociais, sendo “troca do som consonantal L pelo som consonantal R” comum na fala de algumas pessoas. Sob o ponto de vista sincrônico, para Tem Tem (2010, p. 32), “[...] qualquer permuta de uma lateral por um rótico constitui caso de rotacismo”, ou seja, quando a consoante /l/ é substituída por um /r/ou /4/, na coda ou no onset complexo, ocorre o rotacismo. Mas adota como conceito de rotacismo apenas a transformação da lateral em tepe nas posições de onset complexo.

Nesse trabalho utilizaremos a definição de Costa (2006), segundo a qual o rotacismo é um fenômeno fonológico da língua que acontece tanto na coda quanto no onset complexo porque as líquidas possuem traços semelhantes entre elas que possibilitam essas trocas, ocorrendo, assim, duas formas de pronunciar a mesma palavra com o [l] e com o [r] ou [4], como as realizações de “a[ω]moço” e “a[4]moço”, “a[∅]moço” ou “a[7]moço” e “p[λ]anta” e “p[4]anta”.

Vários estudos foram feitos em diferentes regiões do país para analisar a existência do rotacismo, com diferentes grupos sociais e idades e através de várias perspectivas, demonstrando o quanto é recorrente o uso do rotacismo no português e buscando combater o preconceito que permeia quem o produz. As pesquisas mostram que o grau de alfabetização pode influenciar na realização do processo. Nesse sentido, surgiu a indagação desta pesquisa: O processo fonológico do rotacismo está presente na fala das crianças de Santo Amaro – BA? O início do processo de alfabetização pode afetar a produção do rotacismo? Se tivermos a produção do rotacismo, há uma preferência de contexto silábico para sua

realização? Ou um padrão para a realização do processo ligado à tonicidade da sílaba?

Seguindo esses questionamentos, formulamos alguns objetivos para o estudo, listados abaixo:

- contribuir para a descrição da fala de crianças na cidade de Santo Amaro – BA;
- analisar o rotacismo nas posições silábicas de coda e onset complexo;
- analisar as ocorrências do rotacismo tanto na leitura quanto na nomeação de imagens;
- observar se existe um padrão de realização do rotacismo em relação à tonicidade da sílaba e o número de sílabas na palavra.

As líquidas são conhecidas por formar um grupo de consoantes com traços em comum, permitindo a realização do rotacismo em vários itens lexicais. Segundo estudos (citados acima), o rotacismo ocorre em duas posições silábicas, mas seria possível determinar em quais ambientes estaria mais propícia a sua realização ou mesmo se o onset complexo e a coda na posição de sílaba átona ou tônica influencia (ou não) o processo. No mesmo sentido, cogita-se que a realização do rotacismo com crianças que estão passando pelo processo de alfabetização pode apresentar um número menor de ocorrências, supondo que a redução do processo acontece pelo acesso à norma culta. Essas questões chamam a atenção para pesquisas e são motivadoras também para esse estudo, que analisa a alternância do [l] pelo [r] ou [ʀ] na coda e no onset complexo a partir da fala de crianças em processo de alfabetização.

Este trabalho está estruturado da seguinte maneira: no capítulo 2, buscamos apresentar alguns teóricos que estudam o rotacismo e as pesquisas que foram feitas nas regiões do Brasil, passando pelos fatores históricos que atestam a existência do rotacismo na formação do português até os dias atuais. Destaca-se ainda como os fatores linguísticos e extralinguísticos podem afetar o rotacismo.

No capítulo 3, apresentamos as teorias que fundamentam este trabalho, assim como a proposta que defendemos: o rotacismo como uma variação natural e comum da língua. Também é feita a descrição da metodologia da pesquisa, mostrando como o teste foi elaborado e realizado com crianças da rede pública de ensino na cidade de Santo Amaro – BA.

No capítulo 4, analisamos os dados colhidos a partir do teste. As análises foram realizadas em quatro contextos separados: com /l/ no onset complexo, com o /4/ no onset complexo, com o /R/ na coda e com o /l/ na coda, a partir dos testes de leitura e nomeação de imagens. Por fim, nas considerações finais são abordados os resultados encontrados no decorrer da pesquisa.

## 2 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

Este capítulo tem como objetivo abordar o conceito e as características fonéticas e fonológicas do rotacismo revisitando os estudos anteriores sobre o tema, partindo do pressuposto de que no contexto do rotacismo os fonemas /l/ e /r/ ou /ʀ/ passam a ser alofones e, sendo assim, não apresentam distinção de significado entre as variantes. No segundo momento, passaremos pelos períodos históricos da língua em que o fenômeno estava/está presente – no latim, no português europeu e no português brasileiro – traçando um perfil cronológico das evidências do rotacismo até o momento mais atual da língua, buscando trazer as influências internas e externas que afetam a escolha das variantes do fenômeno do rotacismo.

### 2.1 O ROTACISMO

O fenômeno do rotacismo é definido como a troca de /l/ por /r/ ou /ʀ/, esse processo acontece nas palavras em duas posições silábicas: na posição de onset complexo, ou seja, quando a consoante é alterada entre uma consoante e uma vogal na mesma sílaba (*praca* por *placa*; *broco* por *bloco*; *bicicreta* por *bicicleta*) e na posição de coda, quando a consoante pós-vocálica é substituída (*armoço* por *almoço*; *carcanhar* por *calcanhar*; *parmeira* por *palmeira*). O rotacismo é um processo fonológico que se torna possível na língua porque as consoantes líquidas que são trocadas possuem muitos traços semelhantes (discutiremos esse ponto mais à frente). Com isso, muitos estudos, como este, estão sendo realizados para analisar o fenômeno a partir de pesquisas e coletas de dados, para compreender e detectar a existência (ou não) do rotacismo na fala dos brasileiros.

O rotacismo é considerado um fenômeno antigo nos estudos fonéticos do português e vem sendo definido de diferentes maneiras pelos linguistas. Freitag et. al (2010, p. 18) escrevem que o rotacismo é denominado como “[...] a neutralização de uma líquida lateral por uma líquida vibrante em sílabas do tipo CCV [consoante-vogal-consoante]”. E citam a neutralização das consoantes em palavras como ‘brusa’ por ‘blusa’, se destinando a analisá-la apenas na posição de onset complexo. Para Pereira e Albuquerque (2015, p. 37), “[...] esse fenômeno se caracteriza pela troca do som consonantal L pelo som consonantal R” e os autores salientam que

pode ocorrer em palavras como ‘Cláudia’, ‘planta’, ‘problema’, ‘asfalto’, ‘bolsa’, ‘alguém’, que se tornam ‘Cráudia’, ‘pranta’, ‘probrema’, ‘asfarto’, ‘borsa’, ‘arguém’. Costa (2011, p. 18; grifos da autora) diz que

[...] a alternância entre as líquidas pode ocorrer em dois contextos silábicos: no ataque complexo, como, por exemplo, a realização de *brusa* ou *blusa*, ou na coda silábica, como, por exemplo, a realização de *purso* ou *pulso*. O fenômeno tem sido tradicionalmente descrito como a troca de um som lateral por um som vibrante.

Neste trabalho assumiremos a perspectiva teórica adotada por Costa (2006, 2011) de que o rotacismo é um fenômeno em que as líquidas lateral alveolar /l/ e vibrante múltipla /r/ ou simples/tepe /ʀ/ podem ser substituídas em contextos de coda e de onset complexo, como, por exemplo, a realização de “almoço” por “a[4]moço”, “a[ʀ]moço” ou “a[ʀ]moço” e “planta” por “p[4]anta”, respectivamente.

Com base em Seara et. al (2011), as consoantes líquidas compartilham traços fonéticos e fonológicos similares que as permitem serem substituídas em determinados contextos no português brasileiro. Do ponto de vista fonético, as consoantes /l/, /ʀ/ e /r/ possuem propriedades iguais: o mesmo ponto de articulação alveolar, a mesma ressonância oral e a mesma vibração laríngea sonora, se distinguindo apenas no modo de articulação, sendo o /l/ uma lateral, o /r/ vibrante múltipla e o /ʀ/ vibrante simples. Do mesmo modo comungam aproximações na teoria dos traços fonológicos binários de Chomsky e Halle (1968 apud COSTA, 2006) formando um conjunto de 22 traços, estando 15 dos traços destinados para caracterizar os sons consonantais (silábico, consonantal, soante, alto, baixo, recuado, anterior, coronal, arredondado, contínuo, estridente, nasal, lateral, soltura retardada e vozeado) e 7 traços para sons vocálicos (silábico, consonântico, soante, alto, baixo, recuado e arredondado) com base nas propriedades articulatórias que, em síntese, representam as semelhanças e discrepâncias entre os segmentos das línguas (aqui nos interessa analisar os traços dos sons consonantais).

Sendo assim, os traços fonológicos binários conseguem descrever os fonemas /l/ e /ʀ/ como igualmente - silábicos, + consonantais, + soantes, + anteriores, + coronais, - altos, - baixos, - recuados, - arredondados, + contínuos, - estridentes, - nasais, - solturas retardadas e + vozeados com apenas uma única diferença: o /l/ é mais lateral e o /ʀ/ é menos lateral, sendo que para a configuração

deste sistema modificar uma das líquidas significa mudar o valor de um traço, que neste caso é o traço [lateral].

As semelhanças entre as líquidas // e /r/ são menores, aumentando assim o nível de diferenças entre elas nos traços: lateral, contínuo, anterior, recuado e alto (/r/: - lateral, - contínuo, - anterior, + recuado, + alto). E quando se restringe a análise dos traços de Chomsky e Halle para os róticos /r/ e /r<sup>TM</sup>/, as disparidades estão entre os traços alto, recuado, anterior e contínuo. Seguindo essa perspectiva dos traços binários, as chances de ocorrência do rotacismo seriam mais favoráveis na alternância da lateral com um tepe do que com uma vibrante múltipla, porque o grau de semelhança entre o // e o /r/ acontece em 14 dos 15 traços dos sons consonantais. Em suma, essas duas consoantes apresentam na fonética mais aspectos em comum do que discrepantes, formando uma classe singular de consoantes na língua portuguesa com características únicas que as fazem ocupar a posição de segunda consoante dentro de uma sílaba (GOMES e SOUZA, 2015).

Nas perspectivas teóricas da fonologia, as laterais e as vibrantes têm ganhado destaque nas pesquisas, pois essas consoantes são os únicos sons que conseguem partilhar dos traços consonantal, soante e silábico na Teoria dos traços fonológicos distintivos (teoria oriunda do Círculo Linguístico de Praga). Elas são também os únicos segmentos capazes de ocupar tanto a posição de segunda unidade em um onset complexo, quanto a coda. Visto que as consoantes laterais e vibrantes compartilham dos mesmos traços fonológicos, o rotacismo torna-se um fenômeno permitido na língua e se concretiza em duas posições na estrutura das palavras, nos encontros consonantais tautossilábicos, como em *craro* por *claro*, *ingrês* por *inglês* e nas codas silábicas, como em *carção* por *calção*, *armofada* por *almofada*.

Em algumas situações, as consoantes // e /r/ ou /r<sup>TM</sup>/ podem apresentar formas lexicais que variam em suas produções orais, mas possuem os mesmos referentes porque dentro deste contexto linguístico as consoantes são alofones, sendo assim, elas não têm oposição. Em palavras como *flor*, que no processo fonológico passa para *fror*, os falantes utilizam na pronúncia o [r<sup>TM</sup>] no lugar do [l] e em palavras como *algodão* que muda para *argodão* podem ser usados [l], [r], [r<sup>TM</sup>] (para representar a realização do /r/ forte) ou [r<sup>TM</sup>] no lugar do [l], mas estas variações nas pronúncias das palavras não alteram seus significados. Entretanto, em outros

contextos as líquidas [l] e [r] ou [ʀ] podem indicar significados distintos dentro de uma palavra, a citar *clava* (pedaço de pau grosso) e *crava* (do verbo cravar), *mar* (extensão de água salgada) e *mal* (o mesmo que ruim), o que indica o caráter fonológico desses segmentos. Em suma, o rotacismo acontece somente quando a consoante lateral é alterada por um dos róticos e não estabelece mudança de significado do léxico.

## 2.2 O ROTACISMO: DO LATIM ATÉ O PORTUGUÊS BRASILEIRO

Pesquisas têm sido realizadas para levantar dados que comprovem a existência do fenômeno do rotacismo em textos antigos. Segundo Costa (2006) e Gomes e Souza (2015), o processo de mudança do /l/ por /r/ ou /ʀ/ foi encontrado em documentos escritos no latim vulgar, como o *Appendix Probi*, do século VIII d. C., tendo como exemplo o verbete “*flagellum non fragellum*” mostrando que a palavra deveria ser falada com [l] e não com [ʀ]. Evidencia-se, assim, que neste período o fenômeno de alterar as líquidas já estava presente e também havia uma preocupação com o seu uso e o que era entendido como a forma “correta”, devendo ser falado “flagellum” e não como “fragellum”. Mostra-se que nesse período da língua já havia uma preocupação com a forma como a palavra deveria ser falada, reverberando uma diferença entre o latim falado como o “errado” e o latim literário como o modelo “perfeito” a ser seguido e utilizado por todos.

Para demonstrar os processos fonéticos nas mudanças do latim para o português arcaico (NUNES, 1956 apud COSTA, 2006), sinalizamos que as consoantes passaram por alterações específicas neste período. Tais mudanças são vistas a partir de dois grupos distintos:

1. Os róticos dos encontros consonantais que não sofreram modificação, permanecendo assim da mesma maneira, como em: *pratu* > *prado*, *fronte* > *fronfe*, *brachiu* > *braço*, *dracone* > *dragão*;
2. Conjunto caracterizado por possuir os traços laterais, se subdividindo em dois subgrupos:
  - 2.1 O encontro consonantal Cl passou a [ʎ], como em *plaga* > *chaga*, *plorare* > *chorar*, *clocca* > *choca*.

2.2 O [l] do encontro consonantal passou para [ʎ], a exemplo de *placere* > *prazer*, *blandu* > *brando*, *flagellu* > *fragelo*.

As transformações estão presentes no português arcaico, nas formas mais antigas da língua, que geraram a formação do português atual.

No português europeu, a variação entre as consoantes está presente em textos históricos para a literatura (COSTA, 2006). Nas duas edições da obra de Camões, “Os Lusíadas” de 1572, foram encontradas as formas “*inglês*” e “*ingrês*”. E anteriormente na carta de Pero Vaz de Caminha, consagrada como o primeiro documento da literatura do país, há registros das palavras *concruir* em lugar de *conclusão* e *parma* em lugar de *palma*, demarcando o fenômeno de rotacismo tanto na posição de coda, com “palma”, que é falado “parma”, quanto na posição de onset complexo, com “inglês” e “conclusão”, que mudam para “ingrês” e “concruir”, respectivamente.

A carta de Pero Vaz de Caminha revela também mais um fenômeno de alternância que envolve a consoante /l/, como na palavra *chantar* que se modificou para *plantar*, a forma atual da palavra. Os especialistas na história da língua abordam tal fenômeno como recorrente em conjuntos específicos de palavras do latim que, ao iniciarem com onset complexo, *pl*, *cl* e *fl*, se palatalizam para *ch*, como o termo do latim *clamare* que se transformou em *chamar* no português. A mudança entre os conjuntos de consoantes do latim mais uma lateral em contexto de onset complexo que passam por palatalização constitui um processo anterior ao rotacismo, ajudando a esclarecer formas lexicais do tipo *pleno* e *cheio* que existem, concomitantemente, no português fazendo referência ao mesmo significado.

Confirmado que o rotacismo não é um fenômeno recente na língua e sua veracidade atestada por meio de registros encontrados ao longo do tempo, mediante as mudanças da língua que ocorreram do latim para o português, passaremos para a discussão na qual a troca das líquidas pode ser vista com preconceito e considerada como um viés “periférico” e “caipirice”. Contudo, apesar de o preconceito linguístico existir, o fenômeno fonológico está em uso em todas as regiões do país. Com isso, salientamos que nesse trabalho não enxergamos o rotacismo sob uma perspectiva preconceituosa e também não utilizaremos conceitos como “certo” ou “errado” na fala, pois consideramos o fenômeno do rotacismo como uma variedade linguística legítima da língua. Assumiremos, assim, os termos “adequado” e “inadequado” na fala para com isso colaborarmos no combate ao

preconceito linguístico instalado na sociedade para um fenômeno que é tão comum no português brasileiro.

Estudiosos brasileiros analisaram o rotacismo nas regiões do país, tentando descobrir as motivações que causaram o processo, buscando apontar a sua origem na história da língua e não pautados na desvalorização da variação. Amadeu Amaral (1955 apud COSTA, 2006) analisou a alteração da lateral para a vibrante (*papér, craro*) no falar do interior paulistano, ressaltando que a ocorrência é muito mais frequente do que se assume, não estando restrita apenas às camadas de baixa renda da população. Outro pesquisador é Antenor Nascentes (1953 apud COSTA, 2006), que descreve o fenômeno no dialeto carioca e a influência do latim e do tupi para o surgimento do rotacismo. Para Nascentes, a lateral passa para vibrante no português assim como passava no latim (*blandu > brando*), motivada pela semelhança que as consoantes possuem e também por causa da influência da língua tupi que não tinha /l/ e no seu lugar realizava o /r/, expondo em seu livro “*O linguajar carioca*” uma plausível explicação para o rotacismo, com exemplos de palavras que fazem referência para o mesmo significado, como *armofadinha ~ almofadinha, carcante ~ calcante, broco ~ bloco e fruminense ~ fluminense*.

Sílvio Elia (1963 apud COSTA, 2006) faz uma análise geral dos estados do Brasil (compilando resultados de estudos anteriores) e afirma que a lateral sofre rotacismo ou se vocaliza quando está em posição de coda silábica. A consoante se vocaliza apenas no Ceará e nas outras partes do país, o processo do rotacismo é realizado. Em encontros consonantais, ocorre rotacismo da lateral. Para Elia, o que acontece com as líquidas não precisa ser remetido às línguas africanas e indígenas para encontrar explicações, pois as ocorrências podem ser explicadas através das próprias mudanças que são inerentes à língua portuguesa (ELIA, 1963 apud COSTA, 2006).

Os pesquisadores do português brasileiro Amaral, Nascentes e Elia desenham o rotacismo em várias regiões do Brasil, com exceção do estado do Ceará, onde não foi detectado o fenômeno até o término das investigações realizadas. Eles vinculam o seu nascimento e/ou influência a partir das línguas africanas, latina e tupi (a depender de cada autor), defendendo, assim, a normalidade do fenômeno na língua e buscando corroborarem no combate ao preconceito que permeia o fenômeno, como pertencente somente às classes sociais menos prestigiadas e principalmente as que estão concentradas nas zonas rurais.

Outros pesquisadores do campo da teoria linguística traçaram estudos sobre a situação do fenômeno com abordagens e objetivos mais específicos. Freitag et al. (2010) analisam como o rotacismo ocorre na fala e na escrita dos alunos das escolas públicas do município de Moita Bonita, no Sergipe. Buscando combater a perspectiva que vê o rotacismo como um processo estigmatizado da língua, compararam as ocorrências coletadas entre fala e escrita e concluíram que a realização do rotacismo em palavras como “brusa”, “broco” e “pranta” na fala é mais presente do que na escrita, visto que com a escolarização os informantes assumiram a variedade padrão na escrita e na fala continuaram com a variedade não padrão da língua. Reis (2010) destinou-se a realizar sua pesquisa no Maranhão, investigando o rotacismo nos vocábulos *cravícula* e *carcanhá*, a análise feita em quatro cidades do estado comprova a ocorrência do fenômeno na coda e no onset complexo, influenciado por fatores sociais de escolaridade e local de residência dos informantes.

Tem Tem (2010) examina o rotacismo nos encontros consonantais, verificando a sua ocorrência em uma comunidade da cidade do Rio de Janeiro, embasada pela teoria variacionista de Labov. Ela estuda o processo fonológico a partir de fatores internos e externos e nota quanto os fatores estruturais das palavras juntamente com a escolaridade afetam a alternância entre as líquidas nos encontros consonantais, visto que quanto menor o tempo de estudo dos informantes, maiores foram as ocorrências do rotacismo. Pereira e Albuquerque (2015) abrangeram também outro processo e se debruçaram sobre a síncope e o rotacismo na fala das pessoas de Patos de Minas (MG) e região, em um trabalho com cunho sociolinguístico, pois a pesquisa busca quantificar os dados coletados com pessoas de 69 a 95 anos de idade. Ao manter o foco na escolaridade de seus informantes, as autoras conseguem verificar que o nível de letramento interfere de maneira significativa no resultado da pesquisa. Em suma, as pesquisas analisam as variedades dentro dos processos fonológicos mostrando que o rotacismo ocorre com frequência e há fatores linguísticos e sociais que influenciam na sua realização.

A contribuição de Costa (2006, 2007, 2011), por seu turno, perpassa o levantamento de dados sobre o rotacismo a partir do que Bunse (1981) iniciou na região sul do país. A autora mapeia as pesquisas realizadas por Bunse entre 1957 e 1959 em São José do Norte, no Rio Grande do Sul, para dar sequência à dela. E Costa (2006) realiza outro projeto também no qual Bunse colaborou, o ALERS (Atlas

Linguístico-etnográfico da Região Sul do Brasil), que teve início em 1987 e continuou nos anos seguintes, analisando o fenômeno do rotacismo em três estados do Brasil (Paraná, Rio Grande do Sul e Santa Catarina). As investigações em diferentes regiões brasileiras revelam a permanência do processo e a continuação dos estudos acerca de um fenômeno antigo na língua.

Outra importante evidência do rotacismo, que ajuda a respaldar as pesquisas na área, são os registros encontrados nos dicionários de língua portuguesa. Os vocábulos que estão dicionarizados com a variação entre a lateral e a vibrante apresentam as alterações no decorrer do tempo, mudanças essas na maneira de pronunciar. Das variantes, podem ser citadas algumas do dicionário eletrônico *Houaiss*, levantadas por Costa (2006, 2011): *blasonante* ~ *brasonante*, *brasão* ~ *blasão*, *clina* ~ *crina*, *flaco* ~ *fraco*, *flautado* ~ *frautado*, *flechado* ~ *frechado*, *framengo* ~ *flamengo*, *frol* ~ *flor*, *neblina* ~ *nebrina*, *fror* ~ *flor*, *plancha* ~ *prancha*, *prantar* ~ *plantar*, *pruma* ~ *pluma*. As evidências dicionarizadas são mais uma prova escrita da coexistência de duas variantes da mesma palavra e com o mesmo significado na língua.

Revisitada a história do rotacismo em grande parte do território brasileiro, através de algumas pesquisas, chegamos a refletir sobre quais são os fatores que condicionam a frequente alternância do /l/ pelo /r/ ou /ʀ/, presente há tanto tempo na fala do português.

Pesquisas da área (COSTA, 2006; TEM TEM, 2010; GOMES e SOUZA, 2015; PALHANO, 2016) ressaltam que o rotacismo é influenciado por fatores linguísticos e extralinguísticos que contribuem para que o processo fonológico seja tão comum do dialeto rural ao urbano e que atravesse gerações. Do ponto de vista linguístico, o fator que condiciona o rotacismo é com base na escala de força de Hooper (1976 apud GOMES e SOUZA, 2015). A escala de força propõe que existem segmentos mais fortes e segmentos mais fracos, partindo das seguintes características: glides correspondem ao número 1; líquidas ao número 2; nasais ao número 3; contínuas sonoras ao número 4; obstruintes sonoras e contínuas surdas ao número 5; obstruintes surdas ao número 6.

Segundo a escala de Hooper (1976) para analisar a alternância da lateral (/l/ em /r/) ou o apagamento de uma vibrante (/r/ em  $\emptyset$ ), tem que ser considerada a organização das consoantes nas palavras, uma vez que cada consoante tem uma

força mediante a escala. Para a troca o ou apagamento das líquidas, observam-se as seguintes condições:

- (i) quanto se tem outra líquida na palavra, existe uma possibilidade maior de surgir uma vibrante nas sílabas com a formação consoante + //, a exemplificar: “*problema*” que passa para “*probrema*”
- (ii) nas sílabas que apresentam uma consoante + um rótico, é possível o apagamento, exemplificando: “*problema*” que passa para “*poblema*” ou até mesmo ambos os fenômenos concomitantemente (apagamento e rotacismo) passando “*problema*” para “*pobrema*”.

Assim, a presença de outra líquida na palavra pode favorecer a ocorrência do rotacismo, assim como também o apagamento de uma vibrante.

Para Tem Tem (2010), o processo ocorre no nível interno da língua porque existe uma escala de sonância de Kiparsky (1979) e Bonet e Mascaró (1996), que organiza os segmentos da seguinte forma: oclusivas < fricativas e vibrantes < nasais < laterais < glides e tepes < vogais e diferencia a sonoridade entre o tepe, a lateral e a vibrante. A sonância dos segmentos justifica a escolha para o posicionamento das consoantes no rotacismo, como afirma Tem Tem (2010, p. 33-34; grifos da autora):

Os valores distintivos entre esses segmentos justificam a predominância da vibrante no ataque, pois o crescimento da sonância seria mais abrupto (da vibrante à vogal), e do tepe como segundo elemento de um grupo consonantal (ataque complexo) ou na coda silábica.

Portanto, nos onsets existe um aumento de sonoridade, por isso se usa a vibrante múltipla – /r/ no lugar da lateral – ///. O fenômeno é explicado na escala de sonância porque a vibrante fica mais longe das vogais, assim tem a sonância menor que a lateral, havendo uma diferença maior de sonância na passagem da consoante para a vogal. E para realização de um onset complexo ou uma coda silábica opta-se por tepe, pois a consoante /□/ tem sonância maior do que a lateral.

Tanto a teoria de força como a teoria de sonância olham para o rotacismo a partir de fatores linguísticos, mas há também explicação para o rotacismo do ponto de vista extralinguístico. A realização do rotacismo ao longo do tempo tem sido encarada como um “erro” na pronúncia da palavra e que estaria concretada em falantes dos polos rurais, com baixa escolarização e/ou de classes menos prestigiadas, ou seja, estaria na camada da população que tem como domínio

principal a norma não padrão da língua portuguesa. A neutralização das líquidas ou o rotacismo, apesar de ser um fenômeno estigmatizado, pertence à sociedade desde a formação do português, que é originário do latim vulgar (na época também visto como um falar “errado” em comparação com o latim clássico).

Os fatores que influenciam o rotacismo, externamente, segundo os sociolinguistas, são questões naturais da língua e com o tempo o processo deixou de ser uma mudança para ser consagrado como uma variação estável, ou seja, um tipo de variação que passou a ocorrer com bastante estabilidade na fala da população brasileira (não levando a uma mudança) (GOMES e SOUZA, 2015), podendo variar de acordo com o sexo, faixa etária, grau de escolaridade, nível social, entre outros.

Quando se trata das variáveis sociais, por serem considerados aspectos instáveis para a pesquisa, que podem variar de acordo com o ambiente social estudado, em geral são analisadas conjuntamente. Ao relacionar o uso linguístico com o sexo, apresenta-se uma diferença entre seus falantes, os homens tendem a produzir mais o rotacismo do que as mulheres, uma vez que o sexo feminino procura utilizar mais a norma padrão por ser considerado um grupo mais conservador e mais sensível a adquirir os aprendizados escolares, enquanto os homens preferem utilizar a forma não padrão. Mas não se pode desconsiderar dentro desta variante a conjuntura social que é destinada ao homem e à mulher, alterando o modo linguístico de ambos de portarem. Assim sendo, nem sempre o rotacismo será mais encontrado nos homens, sendo necessário observar cada comunidade especificamente.

Em relação à faixa etária, falantes mais novos tem a realizar menos o rotacismo do que falantes mais velhos e uma das explicações para tal situação é o processo da alfabetização e do letramento, pois com a inserção no ambiente escolar o convívio com a variedade padrão se torna mais comum e esta acaba sendo incorporada a sua fala, ou seja, quanto mais o tempo na escola, menor o uso das variedades não padrão (COSTA, 2006; REIS, 2010; TEM TEM, 2010). Como o rotacismo é visto como um fenômeno estigmatizado na língua, remete-se seu uso às pessoas que não dominam a norma culta estando principalmente concentrado em falantes com baixa escolaridade e com nível social mais baixo por possuírem menos acesso à norma padrão (COSTA, 2006; REIS, 2010; TEM TEM, 2010).

Portanto, o rotacismo possui explicações internas e externas para sua existência e legitimidade, porém continua sendo foco de preconceitos linguísticos que têm como suporte e desculpa a norma padrão para a sua existência, porque é ela quem tem o poder de ditar o que é “correto” e “incorreto” na língua. Entretanto, como já mencionado, este trabalho tem a proposta de contribuir para o combate da continuidade deste entendimento preconceituoso.

### 2.3 SÍNTESE

O capítulo tratou sobre a literatura do rotacismo a partir de teóricos que trabalham com o tema para explicação e descrição das suas ocorrências no português tanto na coda como no onset complexo, evidenciando a naturalidade do fenômeno em várias regiões do país.

O rotacismo é um processo fonológico em que ocorre a troca da lateral por uma vibrante ou tepe, na coda (*borsa*) ou no onset complexo (*broco*). Uma das explicações para a alternância entre as líquidas é o fato de que elas compartilham traços fonéticos e fonológicos similares.

Para corroborar a inerência do rotacismo no português, é fundamental passar pelas questões históricas que formaram a língua com a existência do processo fonológico, como documentos escritos no latim vulgar (o *Appendix Probi*), a passagem do latim para o português arcaico, o português europeu com a carta de Pero Vaz de Caminha e as edições da obra de Camões, “Os Lusíadas”, para assim mostrar como sua realização permanece atravessando épocas. Além disso, não se deve perder de vista a contribuição dos brasileiros, Amaral, Nascentes e Elia, citando também as pesquisas mais contemporâneas de Costa (2006, 2011) que montam um panorama sobre o rotacismo no Brasil, e suas interfaces de realização estrutural e social.

Para compreender a realização do rotacismo, os fatores internos e externos são essenciais porque com eles começamos a combater os preconceitos linguísticos que acompanham esse processo fonológico há tanto tempo. A teoria da escala de força de Hooper (1976) descreve segmentos dos mais fortes aos mais fracos, com isso, a probabilidade de troca de uma lateral por uma vibrante mostra-se mais provável nas palavras que já têm uma líquida. E na escala de sonância, Kiparsky

(1979) e Bonet e Mascaró (1996) explicam o rotacismo por causa das diferenças entre as sonâncias das líquidas.

Além das teorias das escalas citadas, os fatores sociais também influenciam na produção (ou não) do rotacismo. Os falantes com faixa etária menor tendem a realizar mais o fenômeno. Outro fator significativo é a escolarização, pois são os falantes que têm menos tempo na escola ou os analfabetos que mais falam a variedade não padrão, causando na sociedade uma rotulação para esses falantes como pessoas que não sabem “falar direito”.

Com este trabalho encontramos uma ferramenta para colaborar, juntamente com outros trabalhos, no combate ao preconceito linguístico e ao mito de uma língua homogênea que não aceita as variações. Os processos fonológicos fazem parte do português brasileiro e devem ser respeitados e aceitos porque a nossa língua é rica e plural em suas múltiplas realizações. No próximo capítulo, demonstraremos algumas teorias que embasam o trabalho e a metodologia usada para o desenvolvimento da pesquisa de campo, com informantes de uma unidade escolar.

### 3 TEORIA E MÉTODO

O capítulo tem como objetivo tratar da concepção do rotacismo, defendido neste trabalho como forma natural da língua, assim como descrever a metodologia utilizada para desenvolvimento da pesquisa de campo. Aqui assumiremos que o processo fonológico do rotacismo se enquadra como uma variação linguística não padrão, outra maneira de falar que pode gerar o preconceito linguístico, e que o fenômeno pode ser afetado por questões de poder sobre a língua, usando como material os testes realizados na unidade escolar pública da cidade de Santo Amaro – BA, Escola Municipal Coronel Francisco Pinto, com seis crianças em processo de alfabetização.

#### 3.1 TEORIA

O rotacismo é um fenômeno natural e intrínseco à língua que contribuiu para a formação do português no pretérito e persiste entre seus falantes até os dias atuais. Mas desde o início da formação do português em documentos escritos no latim vulgar (*Appendix Probi*, do século VIII d. C.), o rotacismo vem recebendo o *status* de uma variação negativa, avaliação esta que persiste com o passar dos tempos.

O rotacismo é um processo fonológico em que ocorre a alternância entre a lateral alveolar /l/ e a vibrante múltipla /r/ ou o tepe/vibrante simples /<sup>TM</sup>/ nas palavras em dois contextos silábicas: no onset complexo e na coda, como em “planta” que permuta para “pranta” e em “mel” que permuta para “mer”, respectivamente. O rotacismo não se enquadra como uma variedade linguística reconhecida pelas gramáticas, em nível de ser ensinado nas escolas.

O fenômeno tem sido estigmatizado por ser considerado um modo “errado” de pronunciar as palavras, pois está associado às pessoas das camadas menos privilegiadas da sociedade, ou seja, os falantes das zonas rurais, das zonas periféricas, os não escolarizados, entre outros (FREITAG et al., 2010), com exceção das pessoas que têm dificuldades articulatórias para produzir a consoante lateral envolvida no rotacismo.

Enxergar o rotacismo como um “erro” ou modo de falar “feio” ou “engraçado” gera o que chamamos de preconceito linguístico, nas palavras de Bagno (2007, p. 40):

Preconceito linguístico se baseia na crença de que só existe [...] uma única língua portuguesa digna desse nome e que seria a língua ensinada nas escolas, explicada nas gramáticas e catalogada nos dicionários. Qualquer manifestação linguística que escape desse triângulo escola-gramática-dicionário é considerada, sob a ótica do preconceito linguístico, “errada, feia, estropiada, rudimentar, deficiente”, e não é raro a gente ouvir que “isso nem é português”.

A base do preconceito linguístico tem como legítimo e única forma de falar o que está prescrito nas gramáticas normativas e vê as outras maneiras de falar como um “erro”, sendo assim, o rotacismo também é vítima desse preconceito, encarado como inadequado e seus falantes discriminados por ser um tipo de variedade não padrão.

Entretanto, como pode ser comprovado através da história da formação da língua portuguesa (ver capítulo 2 desse trabalho), a neutralização entre as consoantes líquidas /l/ e /r/ ou /4/ não é um “erro” ou “burrice”. Trata-se de um processo fonológico natural da língua que ocorre porque a lateral e os róticos possuem traços muito semelhantes a ponto de serem alterados em algumas situações silábicas.

O fenômeno do rotacismo participou da formação do português padrão e atualmente faz parte do português popular sendo estigmatizado e rotulado como “erro”. Segundo Bagno (2007), o problema não estaria no que é dito, mas por quem é dito o rotacismo, sendo que as pessoas são tachadas pelo que falam por causa de sua condição social, gerando o que ele intitula “preconceito social”, ou seja, a discriminação ocorre motivada pela situação socioeconômica a que o indivíduo que fala o rotacismo pertence.

Neste trabalho assumimos a proposta de defender que o rotacismo não é um “erro”, mas uma variação intrínseca do português brasileiro, ou seja, uma maneira legítima de falar, que a gramática normativa “não reconhece” (não aceita) porque é uma variedade não padrão e por isso existe tanta resistência. Afirmar que quem fala “pranta”, “bicicreta”, “praca”, “mer”, “carça” ou “probrema” está falando “certo” ou “errado” não é uma questão linguística, mas sim uma questão política e social que rege a língua. E assumir que o português brasileiro é homogêneo já se provou

errôneo diante da imensa variedade linguística que constitui o país, fazendo do rotacismo mais uma prova da diversidade de formas com que podemos nos comunicar e interagir sem ferir os princípios da comunicação e interação.

No ato da comunicação quando um falante pronuncia as palavras *flor* e *algodão*, entende-se sem problema que está se referindo a *flor* (um órgão da planta de que sai o fruto ou a semente) e *algodão* (uma semente do algodoeiro ou um tecido). O processo do rotacismo, ou seja, a mudança que ocorre entre as líquidas nas pronúncias de *flor* com o [ʀ] no lugar do [l] e *algodão* com o [ʀ], [ʁ], [ʁ] (para representar a realização do /r/ forte) ou [ʀ] no lugar do [l], não altera seus significados.

O problema está em acreditar que exista uma única maneira de falar, pautada na variedade padrão do português. O primeiro contato que o ser humano tem com a língua é no meio familiar e ele aprende a falar mediante o contexto em que está inserido, mas quando começa a frequentar a escola, entra em um ambiente disposto a ensinar o que é imposto pela gramática como a única maneira de se comunicar, sendo que a variedade trazida de casa é tida como “errada”. A escola é um dos primeiros locais onde a língua começa a ser usada para inferiorizar, excluir ou até mesmo dominar o indivíduo (MORAES, 2005), uma vez que a escola e a língua estão sob o domínio das classes sociais, econômicas e políticas que ditam quais variedades devem ser entendidas como “as corretas”.

Em tal contexto de poder, as gramáticas funcionam como um instrumento fundamental, visto que ensinam as regras e as normas da variedade padrão e conseqüentemente deixam de trazer para as escolas as outras variedades consideradas “erradas”. Considerar uma variedade linguística “melhor” ou “pior” que a outra é um grande erro, pois todas as variedades possuem uma estrutura e uma gramática interna. O ideal seria que fosse ensinado nas escolas que todas as maneiras de falar devem ser respeitadas e que a língua varia de acordo com o contexto, não havendo superioridade ou inferioridade quando falamos de língua porque não existe um melhor ou pior que a outra.

É necessário também rever as rotulações de “certo” ou “errado” na língua, que ditam qual pronúncia deve ser utilizada, dizendo que é “errado” falar *praca* e que a forma “certa” de falar a palavra é *placa*. Torna-se preciso modificar essas noções de “certo” e “errado” por outras menos preconceituosas e menos discriminatórias, utilizando termos mais apropriados quando se trata de língua: “adequado” e

“inadequado”. Desta forma, substituir o uso de “certo” ou “errado” por “adequado e inadequado” é fundamental porque colabora no combate ao preconceito linguístico, mostrando que as variedades da língua devem ser consideradas em relação ao contexto em que são utilizadas e não por méritos de qualidade.

### 3.2 METODOLOGIA

Geralmente, as pesquisas acerca do rotacismo assumem uma postura sociolinguística com o embasamento teórico variacionista laboviano, com análise dos dados voltada para a perspectiva quantitativa. Com o método sociolinguístico quantitativo, através de um elevado número de dados, monta-se uma chave de codificação para observar como os contextos linguísticos e extralinguísticos afetam o fenômeno estudado. Em seguida, é feita uma análise estatística dos dados, usando programas específicos e apontando, através de porcentagens e pesos relativos, quais os contextos favorecedores e desfavorecedores do fenômeno.

Neste trabalho, não faremos uso do método quantitativo, mas buscaremos observar se alguns fatores linguísticos influenciam o rotacismo, respondendo a algumas perguntas, como: o elemento estar na sílaba tônica influencia ou não o rotacismo; o número de sílabas da palavra influencia ou não o rotacismo; o rotacismo acontece mais no onset complexo ou na coda; há um padrão (ou não) para realização do rotacismo no onset complexo e na coda. Quanto aos fatores extralinguísticos, será realizada uma análise considerando a faixa etária, o sexo e a escolaridade. Os aspectos sociais não serão analisados em profundidade (o que pode ser objeto de um estudo futuro), não sendo consideradas, por exemplo, as condições sociais das crianças e dos pais ou o nível de escolaridade dos pais.

Apontado esse enquadramento geral, a pesquisa tem como objetivo analisar o fenômeno do rotacismo a partir da fala de crianças da Escola Municipal Coronel Francisco Pinto, localizada na cidade de Santo Amaro – BA. Para concretização do estudo, foi necessária uma pesquisa de campo com 06 (seis) crianças do 2º ano do ensino fundamental com idades de 7 (sete) e 8 (oito) anos de idade.

Os dados foram colhidos na cidade de Santo Amaro, conhecida também como Santo Amaro da Purificação, um pequeno município do Recôncavo Baiano com população de aproximadamente 61.407 (sessenta e um mil quatrocentos e sete) habitantes, que comporta 15 (quinze) povoados na zona rural e dois distritos, a



A Escola Municipal Coronel Francisco Pinto situa-se na Avenida Santos, Travessa Ideal, no bairro do Bomfim e compreende a educação infantil – pré-escola e o ensino fundamental – anos iniciais em sete salas de aulas. Para a pesquisa foi escolhida apenas uma turma dessa unidade escolar, o 2º ano matutino, composta por 15 (quinze) alunos e desses, 03 (três) meninas e 03 (três) meninos participaram como informantes do teste. Para isso, os documentos necessários para autorização dos testes foram enviados para os responsáveis dos menores, que concordaram que seus filhos participassem da pesquisa. Tal instituição foi escolhida para a pesquisa porque é a localidade que possuímos maior facilidade de comunicação com seus moradores e com os profissionais da escola, uma vez que a pesquisadora estudava e morava na comunidade.

Para escolha de 06 (seis) informantes entre 15 (quinze) alunos da turma, seguimos os critérios de selecionar as crianças que fossem alfabetizadas ou quase alfabetizadas no que se refere a conseguir realizar a leitura de palavras e uma quantidade igual de meninos e meninas com as mesmas idades ou com diferença de um ano.

O quadro 1 apresenta o perfil dos informantes: sua identificação (usando apenas iniciais para preservar a identidade das crianças), idade, sexo e escolaridade.

**Quadro 1** - Perfil do informantes

<b>IDENTIFICAÇÃO</b>	<b>IDADE</b>	<b>SEXO</b>	<b>ESCOLARIDADE</b>
AM	8 anos	feminino	alfabetizado
IA	7 anos	masculino	alfabetizado
LS	7 anos	feminino	sendo alfabetizado
DC	8 anos	masculino	alfabetizado
MV	7 anos	masculino	alfabetizado
MJ	8 anos	feminino	sendo alfabetizado

Ressaltamos que a maioria dos alunos da turma não estava alfabetizada e a diferença entre os níveis de alfabetização era muito discrepante, exemplificando: uns conseguiam fazer a leitura das palavras sem maiores dificuldades, outros estavam na fase silábica e outros nem conseguiam formar sílabas. O nível de alfabetização é

relevante para o teste porque os informantes precisam realizar a leitura das palavras, sendo assim, a docente responsável pela turma foi fundamental para ajuda na escolha das crianças, pois, por ela acompanhar o desenvolvimento de cada aluno durante todo o período letivo, conhece o nível de alfabetização dos mesmos.

Para a escolha das palavras que aparecem no teste, seguimos um critério de selecionar palavras que são de conhecimento ou do ambiente de crianças que estão no nível escolar do ensino fundamental – anos iniciais, para que assim se formasse uma atmosfera mais natural e propícia para a realização do experimento e, conseqüentemente, para resultados mais espontâneos. A seleção das palavras também seguiu um critério gramatical no que se refere a sua extensão silábica e à tonicidade das sílabas, pois foram selecionadas palavras com /l/, /r/ e /ʳ/ na coda e no onset complexo, de uma até cinco sílabas, sendo que o local da sílaba tônica alternasse podendo ser oxítone, paroxítone ou proparoxítone. Nos testes, constam 36 palavras sendo 18 com /l/ e /R/ na coda silábica e 18 com /l/ e /4/ no onset complexo, descritas nos quadros 2 e 3 com o número de sílabas e a tonicidade – que está sendo considerada em relação à localização da coda ou do onset complexo na palavra:

**Quadro 2** - Palavras com /l/ ou /R/ em coda

<b>CODA</b>		
<b>PALAVRAS</b>	<b>TONICIDADE</b>	<b>NÚMERO DE SÍLABAS</b>
<u>Brasi</u> l	tônica	2 sílabas
rema <u>do</u> r	tônica	3 sílabas
<u>sa</u> l	tônica	1 sílaba
<u>po</u> rta	tônica	2 sílabas
profess <u>o</u> r	tônica	3 sílabas
<u>á</u> rvore	tônica	3 sílabas
		(continua)
		(continuação)
<u>ál</u> cool	tônica	3 sílabas
col <u>he</u> r	tônica	2 sílabas
<u>me</u> l	tônica	1 sílaba
nada <u>do</u> r	tônica	3 sílabas
<u>ma</u> r	tônica	1 sílaba
<u>me</u> l	tônica	1 sílaba
<u>al</u> fabeto	átona	4 sílabas
<u>bo</u> rboleta	átona	4 sílabas
<u>so</u> rvete	átona	3 sílabas

**Quadro 3** - Palavras com /l/ ou /<sup>TM</sup>/ em onset complexo

<b>ONSET COMPLEXO</b>		
<b>PALAVRAS</b>	<b>TONICIDADE</b>	<b>NÚMERO DE SÍLABAS</b>
<u>pl</u> anta	tônica	2 sílabas
<u>fl</u> or	tônica	1 sílaba
<u>cr</u> avo	tônica	2 sílabas
bicic <u>l</u> eta	tônica	4 sílabas
<u>cr</u> uz	tônica	1 sílaba
<u>est</u> rela	tônica	3 sílabas
<u>br</u> ócolis	tônica	3 sílabas
<u>pl</u> ástico	tônica	3 sílabas
<u>bl</u> oco	tônica	2 sílabas
te <u>cl</u> ado	tônica	3 sílabas
<u>pl</u> aneta	átona	3 sílabas
<u>fl</u> oresta	átona	3 sílabas
bibli <u>ot</u> eca	átona	5 sílabas
<u>l</u> ivro	átona	2 sílabas
<u>fl</u> amengo	átona	3 sílabas
bí <u>bl</u> ia	átona	2 sílabas
<u>fr</u> igideira	átona	4 sílabas
micro <u>fo</u> ne	átona	4 sílabas

Para a construção do teste não foram consideradas todas as combinações possíveis para a presença de onsets complexos com todas as tonicidades e em palavras com todos os números de sílabas (por exemplo, o onset complexo [p<sup>TM</sup>] não foi considerado em posição átona em palavras com duas, três, quatro e cinco sílabas e em posição tônica em palavras com um, duas, três, quatro e cinco sílabas; o mesmo ocorrendo para os demais onsets) porque a pesquisa ficaria muito extensa e exaustiva, aumentando a duração do experimento o que poderia impactar na realização da tarefa. Se analisássemos todos os contextos o fator cansaço poderia influenciar nos resultados. Da mesma forma, não foram consideradas as codas mediais e finais em todas as tonicidades e números de sílabas (ou seja, /l/ em coda medial átona em palavras com duas, três, quatro e cinco sílabas, /l/ em coda medial tônica em palavras com uma, duas, três, quatro e cinco sílabas, /l/ em coda final

átona em palavras com duas, três, quatro e cinco sílabas, // em coda final tônica em palavras com uma, duas, três, quatro e cinco sílabas; o mesmo sendo feito para o /R/).

Cada palavra selecionada para compor o teste foi colocada em uma folha de papel A4 (uma com a imagem e outra com a palavra escrita) para mostrar às crianças. Houve uma maior preocupação na escolha das imagens para que fossem adequadas às idades e para evitar ambiguidades (por exemplo, no caso da palavra *professor*, foi colocada uma imagem de uma sala de aula com um professor e os alunos com uma seta apontando para o professor a fim de indicar que a palavra a ser pronunciada era a que se referia a ele).

A pesquisa de campo apoiou-se no método de gravações de testes, que ocorreram em dois momentos: no primeiro momento do teste, os informantes foram estimulados a nomear as imagens que viam completando a seguinte frase “Digo \_\_\_\_\_ baixinho”. A partir dos desenhos que lhes eram mostrados, as crianças deveriam dizer o nome do desenho dentro da frase, como, por exemplo, “Digo *planta* baixinho”; no segundo momento do teste, os informantes fizeram a leitura das palavras e as encaixaram na mesma sentença “Digo \_\_\_\_\_ baixinho”. A frase veículo foi utilizada para não parecer que os informantes estavam apenas listando as palavras, pois quando as palavras são colocadas na frase, introduz um contexto, o que torna o teste o mais natural possível, evitando, assim, a leitura em lista o que é muito comum quando se lê palavras isoladas em voz alta. Antes das palavras usadas para o teste, foram incluídas três palavras que serviram de teste, que não faziam parte do *corpus* da pesquisa, a fim de perceber se as crianças tinham entendido o que deveria ser feito. Após os testes gravados, as palavras proferidas pelos informantes foram transcritas.

Em ambos os testes, as palavras e as imagem escolhidas remetem para os mesmos referentes, alterando apenas a ordem em que aparecem no experimento, visto que a ordem escolhida foi aleatória e a sequência das mesmas não se repete nos dois testes nas duas repetições.

Antes de começar as gravações dos testes, foi necessário um período de observação da turma para ambientação dos alunos com a pesquisadora, esse momento durou cerca de três semanas dentro da sala aula juntamente com todos os alunos e a professora para manter uma aproximação e deixar os informantes desinibidos. Nessa fase de observação, foi possível manter uma interação com as

crianças nos momentos de realização das tarefas realizadas em classe, assim como nos momentos de intervalo fora do ambiente da sala de aula.

Para o ato das gravações, ficou acordado com a direção da escola para ceder um espaço à parte da sala de aula que fosse silencioso e estivesse vazio, propício para a gravação. Inicialmente os testes foram montados para serem realizados em dois momentos, sendo duas gravações em dias diferentes com a nomeação das imagens com todos os seis informantes e o último momento com as duas gravações da leitura das palavras em dias diferentes, porém por problemas de infraestrutura da escola para espaço que comportaria o teste e por questões que envolveram o calendário escolar do município, os testes tiveram que ser realizados com todos os informantes no mesmo dia.

As gravações se desenvolveram com os 06 (seis) informantes no mesmo dia, com um de cada vez realizando as quatro sequências (duas de nomeação de imagens e duas de leitura). Dois informantes enfrentaram dificuldades em parte do teste da leitura de palavras, pois ainda estão em processo de alfabetização. Porém os outros quatro informantes concluíram os testes sem maiores problemas. Salientamos que mesmo com as dificuldades enfrentadas por parte dos informantes para realização dos testes, buscamos não influenciar em suas respostas para que o teste fosse o mais natural possível e os resultados não fossem prejudicados.

### 3.3 SÍNTESE

Este capítulo tratou sobre algumas informações teóricas da pesquisa com a função de ressaltar que o processo fonológico do rotacismo não é uma variedade “errada” da língua, reverberando esse aspecto como um ponto fundamental a ser pensado e tratado com respeito na sociedade.

O rotacismo é um fenômeno antigo da língua que persiste até os dias atuais. Desde os primeiros registros, o rotacismo vem sendo acompanhado de um estigma de “erro” e com o tempo tal situação não se modificou. Com base na perspectiva de Bagno (2007), observa-se que o preconceito linguístico equivale ao preconceito social, deste modo os falantes da variedade popular do português são estigmatizados não somente pela forma de falar, mas por fatores socioeconômicos.

Quando a criança chega à escola produzindo o rotacismo, o ambiente se apresenta como hostil e não aceita as formas populares da língua trazidas do meio

familiar e da comunidade na qual a criança está inserida. A escola foi construída e mantém entre seus princípios o uso da norma padrão presente nas gramáticas normativas. Sendo assim, para o contexto escolar de ensino a variedade popular da criança é “errada”, portanto ela deve aprender a “correta”, a variedade padrão. Dentro dessa variedade padrão, o rotacismo não tem espaço e, desse modo, deve ser extinto da fala das crianças. Tal posicionamento deve ser revisto (substituindo as noções de “certo” e “errado” pelas de “adequado” e “inadequado”) e mostrando que o rotacismo é uma variedade linguística tão legítima quanto qualquer outra.

Nesse momento, a teoria e método entram para defender a proposta de que o rotacismo é uma variedade linguística tão legítima quanto qualquer outra. Falamos sobre o método como foi desenvolvida a pesquisa, os testes que foram realizados na Escola Coronel Francisco Pinto na cidade de Santo Amaro – BA com seis crianças do 2º ano do ensino fundamental. Nos testes foram selecionadas palavras com /l/, /r/ e /r<sup>TM</sup>/ na coda e no onset complexo para verificar a ocorrência ou não do rotacismo. A seleção foi feita buscando palavras de uma a cinco sílabas com a lateral e as vibrantes em sílabas átonas e tônicas, verificando se o número de sílabas e a tonicidade poderiam influenciar a realização do processo.

No próximo capítulo observaremos, a partir da análise dos dados, como o processo do rotacismo se manifestou na fala das crianças que executaram os testes de nomeação de imagens e leitura de palavras.

## 4 ANÁLISE DE DADOS

O capítulo a seguir contempla uma análise fonético-fonológica do fenômeno do rotacismo em palavras obtidas a partir dos testes com as crianças do 2º ano do ensino fundamental de Santo Amaro - Bahia. Observaremos a ocorrência (ou não) do rotacismo em contextos silábicos de onset complexo e de coda, a partir dos áudios colhidos com os informantes.

No primeiro momento, faremos um panorama geral dos informantes e seus respectivos desenvolvimentos na coleta de dados, em seguida será realizada uma análise mais detalhada e descritiva das palavras nos dois contextos silábicos: com as consoantes líquidas /l/ e /ʎ/ no onset complexo e /l/ e /R/ na coda. Ressaltamos que em posição de coda não há oposição entre r forte e r fraco, o que é indicado pelo arquifonema /R/ que pode ser realizado como [ŋ, ʎ, ξ, ♥, ™, ρ, ♦, □]. Em posição intervocálica, a oposição entre os dois tipos de r se mantém, a exemplo de [∇κᵱ4Υ] ‘caro’ e [∩κᵱᵱΥ] ‘carro’, mas na coda ocorre a neutralização, sendo assim, não há diferença de significado entre [∩μᵱ™] e [∩μᵱᵱ].

### 4.1 ANÁLISE GERAL

Como mencionado no capítulo 3, os testes ocorreram com seis crianças, sendo três meninas e três meninos, da Escola Municipal Coronel Francisco Pinto, que cursam o 2º ano matutino do ensino fundamental. Por se tratar de uma turma pequena, com apenas quinze alunos, quatro meninas e onze meninos, não houve muitas opções de substituições de informantes por causa do nível de alfabetização baixo em que a maioria do alunado se encontrava, principalmente as informantes.

No momento das gravações, duas das meninas selecionadas para a pesquisa não conseguiram completar o último bloco dos testes de leitura (o primeiro bloco foi realizado com duas gravações de nomeação de imagens e o segundo bloco foi com duas gravações de leitura de palavras). Mesmo com essas dificuldades, elas não puderam ser trocadas por outras alunas, visto que a única outra aluna que havia na sala estava em um nível de alfabetização menor que as outras e não conseguiria fazer a parte da leitura no teste. Além disso, ela também possuía a característica de ser tímida e calada até mesmo no intervalo com as amigas (informação

disponibilizada pela professora responsável pela turma), o que dificultaria seu interesse em participar do experimento.

Nesse momento buscar outra turma para realizar a pesquisa era inviável. Os testes coincidiram com o horário do estágio supervisionado (o que dificultava uma maior disponibilidade de tempo) e não tinha a possibilidade de mudar de turma para os testes na escola, pois a turma vespertina do 2º ano possuía dificuldades maiores do que a matutina, sem mencionar que no turno da manhã a professora se disponibilizou a aceitar a pesquisadora em sala de aula.

Além disso, a escolha pela turma do 2º ano em específico foi porque os alunos estavam começando a se inserir no mundo da escrita e em uma turma com crianças mais velhas a realidade já é mais diferenciada. As crianças mais velhas e em séries mais avançadas já possuem mais influências do universo da escrita, pois têm mais anos de escolaridade e, em virtude disso, provavelmente, os casos de rotacismo seriam mais raros ou mesmo inexistentes. É importante salientar que mesmo com as dificuldades descritas para o desenvolvimento dos testes, acreditamos que os dados recolhidos são relevantes para observar o rotacismo na fala de crianças em processo de alfabetização em Santo Amaro e estudos posteriores com uma maior quantidade de dados poderá ampliar o entendimento do fenômeno.

Durante o período de observação da turma, foi possível diagnosticar a diferença entre os níveis de alfabetização dos alunos. Uma parcela muito pequena da turma conseguia ler palavras e frases e estava em um grau de alfabetização correspondente à série; outra parcela apenas lia palavras pouco complexas, em grau de alfabetização intermediário; já a maioria da turma apresentava grandes dificuldades de juntar as sílabas e formava palavras em contextos de sílabas simples. Havia uma disparidade no processo de alfabetização dos alunos, o que pode ter influenciado diretamente no resultado dos testes de leitura de alguns alunos.

Nesse contexto, os seis informantes possuíam níveis de alfabetização diferentes entre eles. Os informantes IA e MV estavam em um nível de alfabetização adequado e regular, já os informantes AM e DC estavam em processo intermediário de alfabetização, enquanto os informantes LS e MJ não conseguiram realizar o segundo momento do teste de leitura e também apresentaram dificuldades com o primeiro momento, não lendo algumas palavras, por causa do processo de

alfabetização no qual se encontravam e enfrentavam dificuldades de juntar as sílabas das palavras.

Desse modo, houve diferença no grau de alfabetização entre os sexos masculinos e femininos nos informantes da pesquisa. Os meninos estavam em um nível maior de alfabetização que as meninas: duas meninas mostraram nível mais baixo e a outra um nível intermediário, enquanto dois meninos estavam com o nível adequado e o outro menino com o nível intermediário de alfabetização.

Já a idade dos informantes não exerceu influência nos resultados. A diferença de idade dos informantes era de um ano, para detalhar, AM, DC e MJ têm 8 (oito) anos de idade e IA, LS e MV 7 (sete). Desta forma, a idade não se revelou influenciadora no processo do rotacismo, uma vez que a distância entre as idades nem chegava mesmo a um ano porque os que tinham 7 (sete) anos de idade ainda fariam aniversário no ano corrente da pesquisa, completando, assim, 8 (oito) anos de idade.

Em relação à produção do fenômeno do rotacismo, constatamos que dos seis informantes selecionados para os testes, ao menos cinco produziram o rotacismo. As palavras em que mais aconteceu a troca do /l/ por /ʎ/ foram *bicicleta* [βισιβκ4ετ6], *bloco* [ββ<sup>TM</sup>κ←] e *flor* [βφ4o]. As palavras que sofreram o processo fonológico de rotacismo estão no contexto silábico de análise para a posição de onset complexo, havendo uma preferência dos informantes em utilizar nessas situações uma vibrante simples (tepe) no lugar em que, canonicamente, estaria uma consoante lateral.

Observamos que alguns informantes produziram o rotacismo com maior frequência do que outros. Houve informantes que realizaram apenas uma vez o fenômeno do rotacismo, como foi o caso da informante LS com [τεβκ4αδY], enquanto outros informantes produziram seis e sete ocorrências do fenômeno (em palavras diferentes), que são os casos de DC com [βισιβκ4ετ6] e [βφ4o] (duas vezes cada), [βπ43~τ6] e [βπ4αστΣικY] (uma vez cada) e MJ com [βισιβκ4ετ6] (três vezes), [ββ4OkY] (duas vezes), [ββ4ιβ4φ6] e [βφ4o] (uma vez cada), respectivamente. É possível presumir a partir desses dados que no caso do falante que produz uma vez o processo, pode ter ocorrido um lapso em sua fala ou mesmo a produção com rotacismo ser específica de um determinado vocábulo. Já quando o

rotacismo aparece seis ou mais vezes, supomos que se trata de algo recorrente na fala dos informantes, fazendo parte da gramática desses falantes.

Os casos de ocorrência do rotacismo foram em grande parte nos testes de nomeações das imagens. Os informantes produziram o rotacismo principalmente nos testes em que eles não tinham contato com as palavras escritas e precisavam nomear as imagens sem suas respectivas leituras. Isso resultou em uma pequena diferença entre as realizações dos testes de leitura e nomeação de imagem. Tal situação implica que a escrita influenciou a pronúncia da palavra, ou seja, o acesso à palavra escrita (em que aparecia o grafema <l>) acabou inibindo a realização do rotacismo em alguns momentos do teste.

Quanto a aspectos linguísticos, observamos uma regularidade no processo de rotacismo no que se refere à tonicidade das sílabas e irregularidade no tocante à quantidade de sílabas das palavras. Na pesquisa o processo do rotacismo apareceu nas palavras com onset complexo (com /l/) em sílaba tônica, apresentando uma regularidade para as realizações colhidas no teste, [∇φ4o], [∇β4OkY], [∇β4tβ4φ6], [∇π43~τ6], [∇π4αστΣικY], [τε∇κ4αδY] e [βισι∇κ4Eτ6], como veremos na seção 4.2.1. Porém quanto ao número de sílabas, não se encontra um padrão de realização do rotacismo, sendo assim, as palavras que foram produzidas com a alternância do /l/ para o /r/ possui uma irregularidade em número de sílabas. Os aspectos linguísticos (sílabas tônica e número de sílabas na palavra) colaboram para entender se há um padrão ou não para realização do rotacismo nas palavras, com o teste constatamos um favorecimento do processo na sílaba tônica e nenhuma influência no número de sílabas.

Foi possível verificar também a ausência da troca entre as líquidas na coda silábica. Em toda a coleta de dados, tanto na etapa de leitura quanto na de nomeação de imagens, não foi realizada nenhuma alternância entre as variantes /l/ e /r/ em contexto de coda. Os informantes não realizaram o rotacismo na coda, mas apagaram, em algumas palavras, o /r/ que aparecia nesses contextos, com em *colher* [κO∇ΛE], *remador* [ηεμα∇δο] e *sorvete* [σο∇πετΣI]. Já no caso do /l/ em posição de coda, não houve apagamento.

## 4.2 ANÁLISE DAS PALAVRAS EM CADA CONTEXTO SILÁBICO

Para melhor explanação e organização da análise dos dados, as 36 (trinta e seis) palavras serão divididas a partir de quatro critérios: itens lexicais em que a consoante lateral - /l/ está no onset complexo, itens lexicais em que a vibrante simples/tepe - /r/ está no onset complexo, palavras em que consoante lateral - /l/ está na coda e palavras em que a vibrante simples/tepe - /r/ ou a vibrante múltipla - /r/ (no caso o arquifonema /R/) está na coda.

### 4.2.1 Onset complexo com /l/

A pesquisa de campo possui onze palavras em que a consoante lateral aparece em contexto de onset complexo. São palavras compostas por uma sílaba, *flor*, por duas sílabas, *planta*, *bloco* e *bíblia*, por três sílabas, *planeta*, *teclado*, *floresta*, *flamengo* e *plástico*, por quatro sílabas, *bicicleta*, e por cinco sílabas, *biblioteca*, com o /l/ em onset complexo em sílabas átonas e tônicas.

Do conjunto de onze palavras com o /l/ no onset complexo, cada informante produziu quatro testes, sendo dois de leitura e dois de nomeação de imagens (com exceção dos informantes que só realizaram um teste de leitura), deste modo, somaríamos 44 (quarenta e quatro) repetições para esse contexto silábico para cada informante, totalizando 264 (duzentos e sessenta e quatro) dados. Contudo, conforme mencionado, temos os casos em que as palavras não foram produzidas, assim sendo, ao final, foram produzidas 161 (cento e sessenta e uma) palavras nesse contexto.

Neste cenário, houve ocorrência do rotacismo tanto na etapa da leitura quanto na de nomeação de imagens da parte de 05 crianças. O informante AM produziu nos testes de nomeação de imagens duas vezes a palavra [β40κY] e uma vez a palavra [β4iβ4φ6]. O informante DC nos testes de leitura realizou a palavra [φ4o] duas vezes e [π4αστΣικY] uma vez e na nomeação de imagens [βισι∇κ4Eτ6] duas vezes e [π43~τ6] uma vez. O informante LS realizou [τε∇κ4αδY] no teste de nomeação apenas uma vez. O informante MJ produziu as palavras [βισι∇κ4↔τ6] duas vezes, [β40κY] duas vezes e [φ4o] uma vez no teste de nomeação, no de leitura falou uma vez [βισι∇κ4Eτ6] e no teste de nomeação pronunciou uma vez

[∇β4ιβ4φ6]. O informante MV, por fim, realizou na nomeação de imagens duas vezes a palavra [τε∇κ4αδΥ].

A tabela 1 mostra as palavras realizadas com rotacismo nos testes, trazendo o número total de cada palavra (pronunciada com e sem rotacismo), o número de vezes em que o rotacismo ocorreu na tarefa de nomeação e na de leitura e, por fim, o total de ocorrências de rotacismo.

**Tabela 1** - Realização do rotacismo do // em onset complexo

<b>Palavras</b>	<b>Total de dados</b>	<b>Rotacismo na nomeação</b>	<b>Rotacismo na leitura</b>	<b>Total de rotacismo</b>
[∇β40κΥ]	20	04	-	04
[∇β4ιβ4φ6]	19	02	-	02
[∇φ4ο]	21	01	02	03
[βισι∇κ4Ετ6]	22	04	01	05
[∇π43~τ6]	18	01	-	01
[τε∇κ4αδΥ]	12	03	-	03
[∇π4αστΣικΥ]	08	-	01	01

Os itens lexicais que sofreram a alternância do // por /4/ não apresentam um padrão em relação ao número de sílabas, mas ocorreram casos recorrentes em que a consoante /κ/ está presente, a citar, [τε∇κ4αδΥ] e [βισι∇κ4Ετ6]. É possível questionar se essa consoante favoreceria o fenômeno, mas para uma análise mais detalhada de tais situações, seria necessária uma pesquisa mais aprofundada, com uma quantidade maior de palavras diferentes e com um maior número de informantes.

Outro importante ponto a ser destacado é o rotacismo em palavras em que o onset complexo está na sílaba tônica. Esse processo com a sílaba mais forte da palavra acontece com todos os vocábulos produzidos pelos informantes, como em [∇φ4ο], [∇β40κΥ], [∇β4ιβ4φ6], [∇π43~τ6], [∇π4αστΣικΥ], [τε∇κ4αδΥ] e [βισι∇κ4Ετ6]. Para este contexto, a tonicidade da sílaba mostra-se relevante para a realização do rotacismo, porque não foi coletada nenhuma palavra em que fosse produzido o fenômeno em sílabas átonas, com exceção da palavra *bíblia*. No caso da realização [∇β4ιβ4φ6] mencionada acima ocorre a repetição do onset complexo (e do

rotacismo) nas duas sílabas, tanto na sílaba tônica quanto na sílaba átona. Na verdade, nessa palavra, houve sempre a repetição do onset, seja com o rotacismo [vβ4iβ4φ6] ou não [vβλιβλφ6].

Na análise também foram encontrados processos de apagamento e duplicação da lateral. Ocorreu apagamento da lateral nas palavras [βισιvκEτ6], [βιβιοvτEκ6], [vπαστΣικY], [φo v4Eστ6], [τεvκασδY], [φαvμε~γY], [vφo] e a duplicação nas palavras [βλιβλιοvτEκ6], [vβλιβλφ6], [τλεvκλαδY]. Houve 14 (quatorze) apagamentos e 24 (vinte e quatro) duplicações da lateral em contexto de onset complexo, sendo realizados pelos seis informantes tanto nos testes de leitura quanto nos de nomeação de imagens.

Na tabela 2 constam as palavras que sofreram apagamento e duplicação, com o número para cada caso e o total de ocorrências para ambos os processos (apagamento e duplicação).

**Tabela 2** - Realização de apagamento e duplicação com /l/ em onset complexo

<b>Palavras com apagamento</b>	<b>Total de apagamento</b>	<b>Palavras com duplicação</b>	<b>Total de duplicação</b>	<b>Total de apagamento e duplicação</b>
[βισιvκ↔τ6]	02	-	-	02
[βιβιοvτEκ6]	01	[βλιβλιοvτEκ6]	06	07
[vπαστΣικY]	01	-	-	01
[φo v4Eστ6]	05	-	-	05
[τεvκασδY]	01	[τλεvκλαδY]	01	02
[φαvμε~γY]	01	-	-	01
[vφo]	03	-	-	03
-	-	[vβλιβλφ6]	17	17

#### 4.2.2 Onset complexo com /l/ - tepe/vibrante simples

Para efetivação dos testes, foram apresentadas sete palavras aos informantes em que consta o tepe ou vibrante simples no onset complexo. Os vocábulos são compostos de uma a quatro sílabas, a citá-los, *cruz*, *cravo*, *livro*, *brócolis*, *estrela*, *frigideira* e *microfone*. As palavras possuem o /l/ no onset complexo em sílabas átonas e tônicas.

As palavras citadas formariam um grupo total de 28 (vinte e oito) repetições para cada informante (totalizando 168 ocorrências), contando os dois momentos dos testes de nomeação de imagens e de leitura. Deve-se fazer a ressalva para as palavras que não foram proferidas nos testes e para o teste de leitura que só foi realizado uma vez por duas informantes. Assim, foram produzidos 102 dados nesse contexto.

Nesse contexto aconteceu a troca do /4/ por // (lambdacismo) em uma palavra específica. O informante IA nos testes de leitura e nomeação de imagens realizou a variante [∇βλΟκολισ] nas duas vezes de cada teste. O fato aconteceu de maneira esporádica, sem mais nenhuma situação registrada com os outros informantes. Por se tratar de uma situação singular, mas que o informante repetiu em todos os momentos em que reproduziu a palavra *brócolis*, podemos deduzir que se trata de um traço que a criança produz nesse contexto específico e com essa palavra comum ao seu repertório lexical. Assim sendo, é possível falar em uma forma já cristalizada para esse falante.

Como já salientamos, não houve mais ocorrências de alternância de /4/ por // no onset complexo. É um processo que não apresenta muitos dados e pouco comum na fala. Fica cada vez mais difícil escutar palavras em que o tepe é trocado pela lateral, porém não é um fato impossível como podemos comprovar no teste do informante IA com a verbalização da palavra [∇βλΟκολισ].

Inicialmente, a proposta da pesquisa era estudar os fenômenos de rotacismo e lambdacismo. Contudo, não foi possível continuar com esse direcionamento porque não havia muitos estudos sobre o lambdacismo para embasar a pesquisa e também se tornou perceptível a ausência do fenômeno na fala das pessoas.

Aconteceram casos de os informantes pronunciarem algumas palavras apagando o tepe (vibrante simples), como [∇κυσ] por DC na nomeação de imagens (duas vezes); [φιZι∇δε46] por AM (duas vezes) e IA (uma vez) na leitura da palavra; [μικΟ∇φονI] por AM (uma vez) na leitura e DC (duas vezes), LS (duas vezes), MJ (uma vez) na nomeação de imagens; e [εσ∇τελ6] por DC (duas vezes), LS (duas vezes) na nomeação de imagem e LS (uma vez), MJ (uma vez) na leitura.

A tabela 3 mostra as palavras que houve apagamento do /4/ em onset complexo, apresentando o total de dados, os apagamentos nas nomeações e nas leituras e o número total de apagamentos.

**Tabela 3** - Realização de apagamento do /4/ em onset complexo

Palavras	Total de dados	Apagamento na nomeação	Apagamento na leitura	Total de apagamento
[∇κυσ]	14	02	-	02
[φιZι∇δε46]	07	-	03	03
[μικΟ∇φονI]	18	05	01	06
[εσ∇τελ6]	19	04	02	06

#### 4.2.3 Coda com //

Para o contexto silábico em que se tem a consoante lateral - // na coda, o teste comportou nove palavras. As palavras são *sal* e *mel*, com uma sílaba; *Brasil*, *bolsão* e *calça*, com duas sílabas; *algema*, *algodão* e *álcool*, com três sílabas; e *alfabeto* com quatro sílabas. As palavras foram selecionadas por conter a consoante lateral na coda em sílaba átona e tônica.

O conjunto com a lateral na coda silábica seria composto por 36 (trinta e seis) palavras para cada informante (216 no total) divididas entre os dois momentos dos testes. Esse número diminui nas situações em que as palavras não foram realizadas e quando duas das informantes não realizaram um dos testes de leitura. Diante disso, o número de dados é 124 nesse contexto.

Nos testes não houve alternância do // por /r/ ou /4/. Os informantes não realizaram o rotacismo no caso dessas palavras, mas fizeram outro processo com um dos vocábulos citados anteriormente. Com a palavra “álcool”, os informantes AM, DC, IA, LS, MV e MJ apagaram a sílaba final /ol/, reproduzindo [∇αωκΥ].

Uma possível explicação para a ausência de alternância do /r/ ou /4/ por // em coda seria que no português brasileiro seus falantes não produzem o // na coda. Segundo Seara et. al (2011, p. 100), quando o fonema // está em posições pós-vocálicas no Brasil utilizam-se duas variantes: na região sul a variante velar [5] e nas outras regiões, maior parte do país, a variante vocalizada [ω]. Sendo assim, os itens lexicais estudados nos testes foram pronunciados com a variante vocalizada [ω], exemplificando, [∇σάω], [∇μΕω].

#### 4.2.4 Coda com /r/ - tepe/vibrante simples e vibrante múltipla

Para o contexto silábico em que o /r/ vibrante múltipla ou /4/ tepe/vibrante simples (eles não possuem oposição) está na coda, temos nove palavras, que foram escolhidas a partir do critério de uma a quatro sílabas, temos: *mar*, *colher*, *porta*, *árvore*, *remador*, *nadador*, *sorvete*, *professor* e *borboleta*. Outro critério importante é a vibrante múltipla ou a vibrante simples/tepe estar em sílaba átona e tônica.

O grupo em que as vibrantes estão na coda silábica somaria 36 (trinta e seis) palavras para cada informante (216 no total) realizadas em dois testes de leitura e dois testes de nomeação de palavras, com restrição das situações em que os itens lexicais não foram pronunciados e no teste de leitura que não foram realizados por duas das informantes. Desse modo, o contexto de vibrantes em coda apresenta 133 dados.

Nesse contexto de análise, não foram encontradas trocas do /r/ ou /4/ por //l/. Os informantes em nenhuma das nove palavras do teste fizeram substituição dos róticos na coda, porém realizaram o processo de apagamento das vibrantes. O apagamento aconteceu, principalmente, no final das palavras, como em: [∇μ $\alpha$ ], [ηεμ $\alpha$ ∇δ $\sigma$ ], [κ $\sigma$ ∇Λ $\epsilon$ ], [π $\sigma$ φ $\epsilon$ ∇ $\sigma$ ] e [ν $\alpha$ δ $\alpha$ ∇δ $\sigma$ ], mas houve alguns informantes que também apagaram o /r/ ou /4/ na posição de coda no meio da palavra, como em [∇ $\alpha$ π $\sigma$ 4 $\epsilon$ ], [β $\sigma$ β $\sigma$ ∇λ $\epsilon$ τ6] e [σ $\sigma$ ∇π $\epsilon$ τΣ $\epsilon$ ]. A única palavra em que não houve apagamento foi [∇π $\sigma$ 4τ6].

Na tabela 4 constam as palavras que sofreram apagamento, seguidas pelos números dos dados com os respectivos apagamentos nas nomeações e nas leituras e, por fim, o total de ocorrências com apagamentos.

**Tabela 4** - Realização do apagamento do /R/ em coda

Palavras	Total de dados	Apagamento na nomeação	Apagamento na leitura	Total de apagamento
[∇μ $\alpha$ ]	09	02	05	07
[ηεμ $\alpha$ ∇δο]	07	-	05	05
[κO∇ΛE]	17	11	04	15
[π4oφε∇σο]	19	10	08	18
[ναδα∇δο]	07	02	03	05
[∇αωO4I]	15	02	-	02
[βοβο∇λEτ6]	18	02	02	04
[σο∇ωετΣI]	20	05	07	12
[∇πO4τ6]	21	-	-	-

### 4.3 SÍNTESE

Nesse capítulo nos detivemos a analisar os testes de leitura e de nomeação de imagens que foram realizados com seis crianças da Escola Municipal Coronel Francisco Pinto. A análise foi realizada a partir dos contextos silábicos de onset complexo e coda de palavras com as consoantes líquidas: /l/ - lateral, /r/ - vibrante múltipla ou /4/ - tepe/vibrante simples.

As ocorrências do rotacismo no momento do teste de nomeação de imagens foram maiores do que no teste de leitura. O teste de leitura sofre influência da grafia, pois os informantes tinham acesso à palavra escrita o que, conseqüentemente, afetou a pronúncia. O resultado do processo foi menor no teste de leitura porque o contato com a palavra escrita inibiu o rotacismo.

As 36 (trinta e seis) palavras que constam nos testes foram divididas em quatro grupos: o primeiro das palavras com /l/ no onset complexo, o segundo das palavras com /4/ no onset complexo, o terceiro das palavras com /l/ na coda e o último das palavras com /r/ ou /4/ na coda. Houve uma concentração do fenômeno do rotacismo no onset complexo, a citar os casos de [∇β4OkY], [∇β4ιβ4φ6], [∇φ4o], [βισι∇κ4Eτ6], [∇π4αστΣικY], [∇π43~τ6] e [τε∇κ4αδY]. A substituição do /4/ - tepe/vibrante simples por uma lateral aconteceu em uma realização isolada de um informante, [∇βλOkολIσ].

Para surpresa da pesquisa, ocorreram diversas situações em que os vocábulos eram produzidos apagando ou duplicando em outra sílaba o /l/ e o /r/ ou /r/. O apagamento das líquidas apareceu em exemplos como [βισι∇κ↔τ6], [βιβιο∇τΕκ6], [∇παστΣικΥ], [φο∇4Εστ6], [τε∇καδΥ], [φα∇με~γΥ], [∇κυσ], [φιΖι∇δε46], [μικΟ∇φονΙ], [εσ∇τελ6], [∇μα], [ηεμα∇δο], [κΟ∇ΛΕ], [π4οφε∇σο], [ναδα∇δο], [∇απΟ4Ι], [βοβο∇λΕτ6], [σο∇πετΣΙ] e a duplicação pode ser vista em [βλιβλιο∇τΕκ6], [∇βλιβλφ6], [τλε∇κλαδΥ].

O cenário dos resultados da análise se apresentou como um campo de descobertas e de novas possibilidades de pesquisa. Com a quantidade de palavras que sofreram apagamento tanto na coda quanto no onset complexo na pesquisa, abrem-se caminhos para estudos futuros nessa área.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho se propôs a estudar o processo do rotacismo nas posições de coda e onset complexo, investigando a substituição da lateral em crianças do ensino fundamental (2º ano). Foram considerados aspectos linguísticos, especialmente a tonicidade da sílaba e o número de sílabas na palavra e alguns aspectos extralinguísticos, como a idade, o sexo e o nível de alfabetização dos informantes.

Os resultados alcançados com os testes a partir do perfil dos informantes não construíram um padrão para as ocorrências do rotacismo. Os fatores sociais de idade, sexo e nível de alfabetização não determinaram um grupo característico que realize o processo, pois os informantes que realizaram uma maior quantidade de rotacismo eram de sexos diferentes e em graus de alfabetização diferentes. A idade dos informantes também não afetou o resultado dos testes, já que a diferença nas idades era de apenas um ano. Desta forma, os fatores extralinguísticos se mostraram pouco influenciadores nas ocorrências do rotacismo na pesquisa.

Entretanto, no decorrer da análise, observamos regularidade quanto a fatores linguísticos na produção do rotacismo. O processo de rotacismo foi realizado de forma majoritária no ambiente em que a consoante lateral estava no onset complexo, sendo assim, alguns informantes demonstraram ter o rotacismo como parte da sua gramática. No entanto, não encontramos casos de rotacismo na coda, constatando ainda uma situação isolada de alternância de /4/ por //.

Outro fato significativo encontrado no teste foi a realização do rotacismo em sílabas tônicas. Em todos os itens lexicais em que ocorreu o rotacismo, a tonicidade da sílaba influenciou, visto que o processo foi observado em sílaba tônica e não em sílaba átona. Quanto ao número de sílabas da palavra, não houve um padrão para o rotacismo.

É importante salientar a diferença das ocorrências do rotacismo nos testes de leitura e nomeação de imagens. O processo aconteceu em maior número nos testes de nomeação, quando as crianças viam imagens; já quando as crianças tinham contato com a palavra escrita nos testes de leitura, as ocorrências de rotacismo diminuíram.

Apareceram na pesquisa processos inesperados, como a duplicação e o apagamento. Ambos os processos ocorreram de forma numerosa na pesquisa nas posições silábicas de onset complexo e coda. Citamos como exemplo a ocorrência

da palavra *bíblia*, caso que se mostrou unânime na duplicação em onset complexo, sendo realizada com rotacismo [ʋβ<sub>4</sub>β<sub>4</sub>φ<sub>6</sub>] ou sem o rotacismo [ʋβ<sub>1</sub>β<sub>1</sub>λ<sub>6</sub>φ<sub>6</sub>]. Os apagamentos se concentraram nos itens lexicais que o /R/ estava na coda em posição final das palavras, como em [π<sub>4</sub>oφ<sub>ε</sub>ʋσ<sub>o</sub>].

Na pesquisa não contemplamos todos os meios possíveis para aprofundar o estudo. Um trabalho posterior talvez possa contar com um levantamento de palavras diferentes e em maior número, com uma quantidade de informantes maior e em faixas etárias diferentes, seguindo perspectivas teóricas e objetivos diferentes. Apesar das limitações, acreditamos ter conseguido cumprir os objetivos da pesquisa, contribuindo com a descrição do português com os dados de rotacismo de falantes de Santo Amaro – BA, analisando fatores sociais e linguísticos. Pesamos também que a pesquisa tenha conseguido seu papel para o estudo desse processo fonológico, ajudando o rotacismo a ser bem recebido na fala dos brasileiros como a variação legítima e comum que é.

## REFERÊNCIAS

BAGNO, Marcos. **Preconceito linguístico**: o que é, como se faz. 49 ed. Loyola: São Paulo, 2007. 155 p.

COSTA, Luciane Trennephol. **Estudo do rotacismo**: variação entre as consoantes líquidas. 2006. 167 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006.

COSTA, Luciane Trennephol. 2007. Análise Variacionista do Rotacismo. **Revista Virtual de Estudos da Linguagem – ReVEL**, Brasil, v. 5, n. 9, p. 1-29, ago. de 2007.

COSTA, Luciane Trennephol. **Abordagem dinâmica do rotacismo**. 2011. 173 f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2011.

FREITAG, Raquel Meister Ko et al. “Vamos plantar froes no grobo da terra”: estudando o rotacismo nas séries iniciais da rede municipal de ensino de Moita Bonita/SE. **RevLet – Revista Virtual de Letras**, Sergipe, v. 2, n. 2, p. 17-31, 2010.

GOMES, Christina Abreu; SOUZA, Cláudia Nívia Roncarati de. Variáveis Fonológicas. In: MOLLICA, Maria Cecília; Maria L. Braga. (Org.). **Introdução à Sociolinguística**: o tratamento da variação. São Paulo: Contexto. 2003. p. 73-79.

MAIA DOS REIS, Gizelly Fernandes. Cravícula e Carcanhá: a incidência do rotacismo no falar maranhense. **Revista Littera**, Maranhão, v. 1, n. 1, p. 33-40, jan./jul. 2010.

MORAES, Jean Ricardo Weber de. A relação entre a lingua(gem) e poder. **Idéias – Revista do Curso de Letras**, Santa Maria, p. 117-119, 2005.

PALHANO, Maria Siliane de Andrade Carpes. **Rotacismo na cidade de Quedas do Iguaçu**. 2016. 59 f. Trabalho de conclusão de curso (Graduação em Educação) – Departamento Acadêmico de Letras, Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Pato Branco, 2016.

PEREIRA, Fernanda Flávia Lopes; ALBUQUERQUE Telma Suely Carvalho de. Síncope e rotacismo: uma investigação de fenômenos linguísticos no falar de indivíduos de Patos de Minas e região. **Revista Crátilo**, Patos de Minas, v. 8, n. 1, p. 34-42, ago, 2015.

SEARA, Izabel Christine, et al. **Fonética e Fonologia do Português Brasileiro**. 2. ed. Florianópolis: LLV/CCE/UFSC, 2011. 119 p.

TEM TEM, Luiza Fernandes. **Rotacização das líquidas nos grupos consonantais**: representação fonológica e variação. 2010. 156 f. Dissertação (Mestrado em

Educação) – Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2010.

WIKIPÉDIA. **Santo Amaro (Bahia)**. 2018. Disponível em: <[https://pt.wikipedia.org/wiki/Santo\\_Amaro\\_\(Bahia\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Santo_Amaro_(Bahia))>. Acesso em: 30 jan. 2019.